



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Não sei para onde vou
Não sei por onde vou
Só sei que não vou por aí

(José Régio — Cântico Novo)

Há dias, um conterrâneo, daqueles dos quatro costados, invectivou-nos do seguinte modo: «Afinal nunca se sabe de que lado está. Tanto dá uma no cravo como outra na ferradura!»

A conversa prolongou-se e ficamos a saber que o nosso jornal tanto parece estar numa de Tininha e seus prolongamentos, Vianas e outros que tais, como numa de Figueiredo e quejandos.

Pelos vistos, a maneira de pensar daquele fangueiro é igual à maneira de pensar de outros conterrâneos. Pobre jornal!

Em primeiro lugar, queremos dizer que «O Novo Fangueiro» tem estado aberto para os dois lados. O nosso escopo último é o bem da terra e da região circundante e tanto de um lado como de outro pode querer-se, e nós julgamos que sim, o bem

de Fão. Nos tempos do Luís Viana trabalhava-se bastante a bem da terra e, se formos a quantificar as obras produzidas, duvidamos se outra Junta, em qualquer tempo, fez mais do que esta. Paradoxalmente, nunca a terra foi tão desfejada, descharacterizada como na sua legislatura. Vejam esses monstros que se erguem próximo à alameda e frente às antigas escolas. Aquilo desfeiou Fão ad aeternum. Para todo o sempre. Ninguém duvide.

É certo que Luís Viana foi vítima da posição inteligente que adoptou face aos líderes camarários. A fim de conseguir melhor benesses para a sua terra, colou-se-lhes demasiado e, a par das prebendas conseguidas, ficou sem força para poder dizer não às complicadas presidencialistas. Daí o paradoxo: muitas obras foram feitas a par de alguns mamarrachos que definitivamente estragaram Fão. Isto custou-lhe a perda das eleições.

Nova Junta, nova Câmara. Que posição deveria tomar o «Novo Fangueiro»? Declarar a Guerra Santa como desejaria uma certa fracção? Porquê e para quê?

É importante que se diga que «O

Novo Fangueiro» não tem partido, e, sendo assim, estará sempre ao lado das medidas que beneficiarem Fão e o concelho. Venham de onde vierem. Por isso atribui um crédito de confiança aos novos autarcas na esperança de que as promessas feitas em tempos eleitorais sejam cumpridas.

Além disso, é filosofia deste jornal não hostilizar gratuitamente os gestores públicos só por o serem, uma vez que o escopo que os anima coincide a priori com os objectivos que estiveram na base da fundação de um periódico local. É portanto função de um jornal como «O Novo Fangueiro» estimular, apoiar todas as iniciativas que beneficiem o colectivo. É certo que deve exercitar também uma acção fiscalizadora que só deve concretizar-se, porém, quando surgirem devios ao traçado inicial que lesem de facto os interesses da grei. E aqui deve actuar implacavelmente, sob pena de atraiçoar a confiança dos leitores e de todas as pessoas que confiam nos bons propósitos de um jornal como o nosso.

Às vezes a definição de verdade obriga igualmente a uma certa procura. Onde

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

AMÂNDIO DE OLIVEIRA TEIXEIRA

Este perfil não devia ser representado por um indivíduo apenas mas antes pela família das «Senhoras Teixeira». Assim se denominava em Fão, muitos anos atrás, a família que nas férias se albergava na casa onde o *pater familiae* se chamava Amândio de Jesus Teixeira, conceituado comerciante na cidade do Porto e natural de Fão.

Era um clá muito respeitado na terra e para isso concorriam variados factores. Em primeiro lugar tratava-se de um grupo familiar com posses e essa possibilidade, por si, concitava respeito numa terra onde uma certa vivência medieval se fixara no tempo até pelo menos meados do nosso século. Em reforço desta teoria temos invocado a existência de um Clube Fãoense que inicialmente dava entrada aos «Senhores» e os «Senhores» nessa altura eram muito considerados e consequentemente respeitados. Dois outros aspectos devem ainda ser contemplados para ajudar à compreensão das relações ou dos sentimentos que umbilicavam os fangueiros às «Senhoras Teixeira»: estas eram muito esmoleres e particularmente devotas do Senhor Bom Jesus. E isso caía muito bem no meio. A família Oliveira Teixeira assumia-se aos olhos do povoleu como a guardiã ou benfei-

tora por excelência do templo do Bom Jesus. Bom Jesus que não pertencia a outras gentes nem a outras terras. Era seu: Senhor Bom Jesus de Fão. Por esse motivo cada benéfico, cada oferta, cada arranjo que esta família prestasse ao mosteiro tinha uma repercussão profunda na alma baírrista fangueira. De resto, a preferência das «Senhoras Teixeira» favorecia os padres de Fão. Não era por acaso que os dois compassos que no domingo de Páscoa percorriam as ruas da freguesia, um liderado pelo Senhor Prior Nogueira e o outro pelo reverendo Avelino Borda, se juntavam, cerca das 17 horas, na casa da família Teixeira, onde já se encontrava o rev. Padre Job, sempre acompanhado da sua cigarreira. Era o chamado momento apoteótico da visita paschal. Claro que esta deferência (da igreja) e a correspondente solicitude (da ilustre família anfitriã) alçapremavam ao mais alto estatuto social os membros do clá.

Porquê as «Senhoras Teixeira» e não os «Senhores Teixeira»? Uma questão de número, cremos. Com efeito eram cinco as filhas de Amândio de Jesus Teixeira: Emiliana, Maria Luísa, Alda, Alice e Luísa e os homens eram dois: Amândio e Joaquim. Havia mais um outro no Brasil. Aqui o maior número predomi-

nou e talvez por isso uma maior deferência ou preferência pelo século feminino. Totalizavam cinco senhoras que iam à igreja rezar, que davam esmolos, que se apresentavam em público e essa superioridade acabou por se impôr.

De qualquer modo nós, escolhemos o Amândio de Oliveira Teixeira. Porquê também? Tratava-se porventura da personalidade mais forte do grupo, a pessoa de mais iniciativa, a mais viajada, aquela a quem os familiares e os de fora consideravam como líder. Os jornais do concelho só se referiram a ele. Na verdade representava a voz e a vontade do seu agregado familiar.

Devoto como era do senhor Bom Jesus, Amândio de Oliveira Teixeira desempenhou durante muitos anos o cargo de juiz da respectiva confraria. Por sua iniciativa foi restaurado o culto ao Senhor Bom Jesus de Fão. Por sua iniciativa e à sua custa foi introduzido no templo da Alameda um novo sacário, reformou-se a casa ao lado da igreja e foram criados jardins em redor do templo. A primeira instalação eléctrica do mosteiro foi obra sua bem como inúmeras outras beneficâncias. De tal modo se distinguiu no desempenho do seu cargo que, em preito de gratidão, foi-lhe dedicada uma lápide de mármore na sacristia da igreja e uma fotografia sua enaltece a sala das sessões. Dele diz um seu panegirista: «Foi o maior devoto do Senhor Bom Jesus».

Amândio de Oliveira Teixeira também foi dos que subiu à sua custa as escadas da vida.

(Continua na pág. 11)

ESPOSENDE

PROTECÇÃO DO LITORAL

Professores de Biologia e alunos da Escola Secundária de Esposende participaram na manhã do último fim-de-semana em acções de levantamento e recolha de dados biológicos entre a foz do Cávado e Apúlia, escalonados por áreas de 500 metros, ao longo da praia, inseridos no Coastwatch Europe — projecto Europeu.

Este projecto baseia-se na caracterização da zona costeira através do preenchimento de questionários que incluíam:

— análise da quantidade de nitratos presentes na água do rio e do mar para assim estudar o nível de poluição;

— observação da fauna e flora da região para detectar possíveis anomalias e morte provocadas por agentes e factores poluentes;

— levantamento de construções e arruamentos feitos na zona dunar (alteração da paisagem costeira);

— observação da erosão costeira e a existência de esforços locais para o seu controlo (esporões).

Esta acção é levada a cabo simultaneamente em diversos países da Europa com a participação do público interessado, da comunidade científica, de estudantes, de associações de defesa do ambiente, de planificadores da zona costeira, etc., consoante a organização própria em cada país.

Deste trabalho que receberá tratamento informático, será dado conhecimento público através dos meios de comunicação social, prevendo-se já a criação de uma organização local de defesa do ambiente sem conotações políticas e que visa apenas a denúncia dos atentados à Natureza e como preservá-la, apoiando-se nas autarquias, Bombeiros e associações que já de um modo ou de outro têm vindo a proteger a Natureza, nesta região de turismo tão degradada e, sobretudo no Verão, destruída pelos piqueniques, campismo sel-

vagem, excesso de população que se vêm adicionar à poluição das tinturarias, dos fumos, dos esgotos a céu aberto, e outros.

EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

está a verdade, isto é, o que será mais útil para a terra? Qual a prioridade que deve dar-se a determinado problema? Neste domínio o nosso ponto de vista pode não coincidir com o dos outros. Isto significa que as nossas opções serão as melhores e que portanto devemos zurrir aquilo que foi pensado pelos outros?

Resumindo: há uma amálgama de problemas que se colocam à consciência de quem tem a responsabilidade de dirigir um jornal e que o levam a sobrestar-se em domínios que a muitos, aos dogmáticos, se apresentam totalmente clarificados.

Mas a esses, aos iluminados, aos que não têm dúvidas, aos que nos dizem «arreia», «arreia», avisamos que só sabemos que não vamos por aí.

RECENSEAMENTO MILITAR PARA MANCEBOS QUE COMPLETEM 18 ANOS EM 1991

Todos os mancebos que completem 18 anos em 1991 — isto é, todos aqueles que nasceram em 1973 — devem proceder à sua inscrição, durante o mês de Janeiro de 1991, no Recenseamento Militar, nas Câmaras Municipais da sua área de residência, conforme EDITAL afixado à porta da Junta de Freguesia.

OUTROS TEMPOS

*Já há mulheres deputadas
No Parlamento a falar
Que apesar de doutoradas
Inda não sabem fumar.*

*Pois, meus leitores, cá em Fão.
Já as temos dessa laia
Até corta o coração
Ao ver fumar umas saias.*

*E há aí cabeça oca
Oú é totinba como um caco.
Se alguém lbe beija a boca
Fica a cheirar a tabaco.*

*Se o mundo assim continua
E se assim continuar
Sai a mulher para a rua
Vai o homem cozinhar.*

Nota: estas quadras foram publicadas no jornal O Má-lingua, de 9 de Dez. de 1918. Este jornal que viveu pouco tempo tinba como director Vento da Vota (cremos que pseudónimo) e como editor bândido da Vinba.

Não bem assinado e à primeira vista iríamos atribuir a sua autoria ao editor. No entanto, conhecendo nós a maneira de pensar de bândido Vinba, maneira de pensar exposta suculentamente nos artigos do jornal. O Gurlba, entendemos que este jovem fangueiro, falecido na flor da idade, 23 anos, tinba uma mentalidade vanguardista por isso não pensava assim.

Como pode deduzir, as mulheres que fumavam em público naquele tempo eram umas heroínas. A moda, os costumes, têm os seus mártires. Uma conclusão nos fica: os valores sociais são relativos. Estão ligados à época onde se inserem. Tout passe, tout cane et tout se remplace.

A propósito lembra-nos que quando fazíamos estágio do liceu em Coimbra, as colegas só muito raramente apareciam vestidas com calças. Tinham medo de serem desfeiteadas.

Um dia porém, resolveram: «vamos todas amanhã aparecer de calças». E apareceram. O reitor dessa altura, dr. Manuel Elísio Vieira teve a inteligência de nada dizer nem fazer: sinal de novos tempos.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DE APÚLIA

ÓBITOS — Desde o último noticiário de Apúlia, faleceram os seguintes conterrâneos:

— Em 12 de Agosto, Júlia de Almeida Eiras, solteira, nascida em 16/11/1908, filha de Joaquim Fernandes Eiras e de Júlia Gomes Almeida, residente no lugar de Paredes.

— Em 17 do mesmo mês, Alzira Ferreira Belo (Ventosa), solteira, nascida em 19/12/1915, filha de Joaquim Barbosa Rodrigues e de Rosalina Ferreira Belo, natural de Fão, e residente no lugar de Paredes.

— Ainda em Agosto, no dia 29, faleceu Ana Gomes Vasco, nascida em 6/11/1900, filha de Manuel Gomes Vasco e de Cecília Lopes Vasco. Era viúva de António Gomes Vasco.

— Em 1 de Setembro, no lugar de Criaz, faleceu a senhora Elisa Lopes Veloso, nascida em 27/11/1902, filha de Manuel Veloso de Sá e de Maria Joaquina de Jesus Lopes Ferreira, viúva de Cândido José de Carvalho.

— No dia 8, também de Setembro, e no Brasil, onde residia, faleceu a senhora Maria Dias Afonso, viúva de José Dias Coelho, nascida em 2/7/1907, filha de Rosalina Dias Afonso.

O seu cadáver foi trasladado para Apúlia onde se realizou o funeral.

— Em 23 do mesmo mês, faleceu o senhor Adelino Dias Ribeiro, nascido em 5/10/1906, filho de Manuel Domingues Ribeiro e de Delfina Dias da Cruz.

Deixa viúva a senhora Firmina Fernandes de Oliveira.

— Ainda no mesmo dia e mês, faleceu o senhor António Silva da Costa, natural de Arcoselo - Barcelos, e residente no lugar da Areia, de Apúlia, nascido em 23/12/1914, filho de Manuel da Costa e de Teresa Couto da Silva.

— No mês de outubro, em 21, faleceu no lugar da Areia, o senhor Istidoro Gomes de Carvalho, nascido em 19/04/1922, filho de Guilberme José de Carvalho e de Ana Gomes Farinbas.

Deixa viúva a senhora Maria Torres do Vale.

— No dia 29 do mesmo mês de Outubro, no lugar de Paredes, faleceu a senhora Laura Barros Torres, nascida em 28/2/1949, filha de Norberto Alves Torres e de Emília dos Santos Barros, era casada com o senhor Adelino de Barros Rosas.

FUTEBOL — Depois da última nota que publicamos neste jornal sobre o futebol em Apúlia, o nosso representante, como que a desmentir afirmações dessa local, fez muito bons resultados e, melhor ainda, fez boas extensões.

Os resultados, tanto em casa, como fora, têm sido francamente moralizadores.

As vezes acontecem os tais imponderáveis do percurso, inevitáveis em provas longas, como é o caso do campeonato que o Apúlia disputa.

Como aconteceu no último Domingo, perdendo com o Lagence por 2-1, resultado que se pode considerar justo, não por aquilo que o adversário jogou, mas talvez por aquilo que o Apúlia não jogou.

Enfim, são jogos, e o resultado negativo deste jogo pode ser rectificado nos próximos desafios.

PROGRESSO — Assim como a tintura antes de curar agrava a ferida, e daí, também o progresso, antes de o ser, em alguns casos pode ser retrocesso, e também daí.

É o caso da ligação subterrânea da batxada eléctrica, que se está a realizar em Apúlia. Estradas e caminhos resolvidos, calçadas desfeitas, terra aos montes, valas fundas que dificultam o trânsito...

Até quando se irá manter esta situação? É que, a manter-se, o pior virá depois das chuvas.

Enfim, os custos do progresso.

POLÉMICA — Veto nos jornais. Em Cedovem foi demolida uma casa/barraca que estava a ser construída clandestinamente. Os jornais também disseram que o Senhor Presidente da Câmara de Esposende, como que a marcar uma posição de frontalidade, esteve presente na altura da demolição.

Os jornais não disseram (e também não eram obrigados a isso) que o Senhor Presidente da Câmara é natural de Apúlia e das relações (boas) da família do Cesado.

O caso deu motivo a algumas especulações, como é óbvio, porque para casos semelhantes não fora tomada atitude idêntica. Com a agravante da Câmara Municipal ter tornado público, mesmo em comunicado através dos jornais e da rádio, que seria ela a mandar demolir um acréscimo de determinada construção, também clandestina, se no prazo de «xis» dias o proprietário o não fizesse voluntariamente. Acabaria por não acontecer nem uma nem outra coisa. E a obra fez-se. E, ao que parece, está segura...

Como não estamos aqui para defender nem atacar ninguém, temos que dizer, porque pensamos isso, que os casos apontados como paradigma da falta de justiça, não são dissemelhantes.

No primeiro, tratava-se de um acréscimo, em terrenos que não eram pertença do proprietário das obras; no caso da demolição, a obra era totalmente nova, também em terrenos que seriam do domínio público.

Em conclusão, não se pode deixar de louvar a coragem do Senhor Presidente da Câmara. Não só avalizou, como reforçou a deliberação da Autarquia que dirige. E fê-lo na sua terra, sem olhar a quem, que por sinal até se trataria de familiar de muitos apoiantes seus.

Só é pena que esta tomada de posição não tivesse acontecido já, no caso anterior. E o interessado até nem era de Apúlia. Se assim tivesse acontecido, como devia ter acontecido, quem teria coragem moral para fazer acusações, que são infundadas, temos a certeza, mas que se fizeram.

Todos esperamos agora, as apulenses que se interessam verdadeiramente pela sua terra, que as medidas tomadas, sejam para continuar em todos os casos que atentem contra o património da sua terra.

E, como diz o ditado, algum dia havia de acontecer. Justiça.

DIA DE FINADOS — Com Missa celebrada no próprio cemitério (uma alteração ao habitual dos últimos anos) viveu a comunidade mais um dia de «Finados», ou de Todos-os-Santos.

No mais, a rotina do costume. As roupas pretas, que neste dias se vão buscar aos escaninhos das mesas, os ajuntamentos de pessoas no cemitério, o arranjar das campas, as flores, as velas, os lumes, os suspiros malcontentos, aqui e ali a quebrar a frieza e a solidão do momento, a lembrança, a saudade do ente querido, que tantas vezes ali viera em romagem de saudade por outros...

Dia de Finados, dia de Saudade.

Saudade, palavra que neste dia, se escreve com flores, com velas e com presenças.

FALECIMENTOS

Nos primeiros dias de Novembro faleceram em Fão João Marques Ferreira (Pantomina) de 65 anos de idade e Ana Barbosa Rodrigues que tinha 73 anos.

Foram ambos a enterrar no mesmo dia, na mesma tarde e à mesma hora.

Foi uma coincidência rara que por isso mesmo aqui se regista.

Aos seus familiares os nossos pêsames.

AMÂNDIO DE OLIVEIRA TEIXEIRA

(Cont. da pág. 1)

Viajou em novo para o Brasil e, aí, o seu dinamismo, a sua inteligência e honestidade sempre resplandeceram. Acabou por regressar a Portugal e no Porto foi sócio da Firma Castro, Sousa e C.ª L.d.ª. A sua bolsa esteve sempre aberta para as instituições da sua terra nomeadamente Hospital-Asilo, o Grupo dos Amigos de Fão e, como já referimos, a Irmandade do Senhor Bom Jesus: a Mesa de 1953 nomeou-o «Juiz Honorário Perpétuo da Irmandade».

Os pobres de Fão adoravam as «Senhoras Teixeira» e correspondentemente os «Senhores Teixeira» nutriam particular carinho pelos necessitados de Fão. Agrupavam-se em bicha quando sabiam que as «Senhoras» estavam cá.

Naturalmente que o tempo foi diluído estes liames afectivos e, agora que a Família Teixeira está fragmentada, ela já pouco ou nada diz às novas gerações (da terra). As actas das instituições locais, porém, e os jornais da época são testemunhos imperecíveis do valor do cidadão que foi Amândio de Oliveira Teixeira e da prestante família que tão nobremente personificou.

COMPLETANDO UM PERFIL

A propósito do perfil do Prof. Mário Ramiro, nós procurámos fazer uma listagem de todos os académicos (para além do ensino primário) naturais de Fão. Houve omissões, involuntárias, já se vê, que hoje vamos tentar corrigir.

Dos tempos do Prof. Mário Ramiro temos ainda: sua esposa, Aida Mariz, Maria Amélia Gomes da Costa, José Maria Evangelista, Querubim Evangelista e Jaime Ferreira, a que podemos juntar o P.e José Ferreira. Recuando nos tempos, vamos encontrar o Dr. Manuel Evangelista da Silva (médico), Joaquim Mariz (Seminário de Braga), Cândido Nunes Vinha (Escola Académica do Porto), António Gaifém Pires, João Carneiro e João Costa Ferreira (Curso Comercial no Porto). Dessa altura é ainda Manuel Magalhães que estudou na Inglaterra. Esta última personagem devia ter sido importante no seu tempo, tanto que a terra lhe consagrou um largo (Largo do Fontes), mas nós só sabemos que foi mesário do Hospital. A Junta de há quatro anos emprestou para Esposende o livro de actas referente aos finais do século passado, princípios deste, o que nos inviabiliza ou dificulta a procura de dados sobre alguns fangueiros: P.e Lourenço Viana, e Manuel Magalhães e outros. Já solicitámos a um elemento da Junta actual o tal volume, mas só temos recebido promessas. Trata-se de um livro precioso para a história de Fão. Esquecíamos-nos ainda do Dr. Manuel Pais cujas benemerências também devem constar no referido livro.

DESVIO

A nossa assinante Cármen Solinbo foi ao cemitério no dia de Todos os Santos e deixou o carro na parte de trás do cemitério. Dentro do veículo ficou a carteira com cerca de dez contos e vários documentos.

Quando chegou de novo ao carro a carteira tinha voado.

Aquela nossa conterrânea tem a esperança de que os assaltantes tenham sido profissionais e que devolvam por isso os documentos.

DELEGAÇÃO REGIONAL DO NORTE

**CENTRO DE EMPREGO
DE
BARCELOS**

*O IEFP tem o prazer de anunciar a
abertura de mais um moderno espaço
ao serviço dos cidadãos e das
empresas dos Concelhos de
Barcelos e Esposende.*

Avenida Alcaides de Faria, 333 - 1.º Frente
4750 BARCELOS
Telefone 053 - 821212
Telex 33964



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

MINISTÉRIO DO EMPREGO E DA SEGURANÇA SOCIAL

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! chegou o frio, e com ele custa mais a levantar cedo para ir para a escola, não é verdade? Mas o sacrifício vale a pena e os resultados serão positivos. São esses os nossos votos.

O FIM DA HUMANIDADE

Por JOCA

(Conclusão)

Algures, nas principais centrais nucleares, dava-se o tudo por tudo para salvar a vida de milhões de pessoas inocentes, que não tinham culpa do desejo e cobiça pelo domínio e soberania mundiais por parte das duas superpotências. Desejo cruel e faminto que provocara a construção de centenas de centrais nucleares que forneciam energia atômica que era aplicada tanto como combustível das naves espaciais, como também uma poderosíssima arma que servia de destruição por ambas as partes em confronto. Esforços que foram inúteis pois após uma hora de árdua luta o inevitável aconteceu:

Uma explosão, em cadeia, das centrais nucleares, havia provocado o fim do Planeta Terra. Planeta Terra que era agora matéria ardente, voltando assim à sua forma inicial de há milhões de anos atrás.

O desejo insaciável, da espécie humana pelo poder, levou-a a um processo de auto-destruição, que provocou o fim da Humanidade.

Se o processo evolutivo da terra se tornar a realizar, esperemos que a próxima geração humana compreenda que o poder sobre os seus semelhantes, não passa de uma obsessão sem fundamentos, recorrendo a um clima de concórdia e amizade que permitirá a existência humana por um tempo indeterminado, em que as descobertas tecnológicas serão postas ao serviço de todos como forma de melhorar o seu nível de vida, permitindo a existência de uma sociedade «Ideal», em que as pessoas viverão para o bem dos outros.

FIM

SONHOS

*As nuvens no céu,
Branquinhas e leves,
Lembram alguns sonhos,
Tão belos, tão breves.*

*Sonhos cor de rosa,
Diz-se, mas não são.
São muito branquinhos
Como o algodão.*

*Sonhos de criança
Como anjo dormindo
Sem terem maldade,
Cantando e sorrindo.*

*Como brancas pombas
Voando, no ar,
São nuvens, são sonhos,
Que eu queria sonhar.*

SU

A LÁGRIMA DO POETA

Lamentou-se pelos outros.
Sofreu com a Natureza.
Viu a terra morrer de sede
E deu-lhe o seu sangue.
Viu o sol esfriar,
E deu-lhe o calor do seu corpo.
Tudo foi inútil.
O Poeta sentou-se
Sob uma árvore seca e morta
E chorou de desespero.
Um novo mundo nasceu do seu coração.

MARTA

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora muito feia, mas que não se apercebe disso, olha demoradamente para o espelho e exclama:

— Querido espelho! Como ele devolve fielmente a minha imagem!

Comentário do marido:

— Pois é. Mas se não a devolvesse, eu também não a reclamava...

★

Um cavalheiro, convidado para um almoço, chegou quando todos os comensais já se encontravam à mesa.


Embaraçado, volta-se para a dona da casa, tentando desculpar-se:

— Peço perdão, minha senhora! Mas tive de ir fazer uma coisa que ninguém pode fazer por mim...

— Então, cavalheiro, tenha modos! Olhe que estamos à mesa! — responde a senhora indignada.

— Não percebo porque ficou tão zangada, minha senhora! Eu tive de ir tirar o retrato para o Bilhete de Identidade! — explicou, solícito o homem.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

(Continuado do número anterior)

(Continua)



DORAL

UMA LOJA DE NÍVEL EUROPEU

No dia 28 de Outubro abriu em Fão, na Avenida Dr. Manuel Pais, uma casa especializada em OURIVESARIA, JOALHARIA E RELOJARIA.

Lembramos que comprar coisas na terra é um acto de verdadeiro bairrismo.

Não é por acaso que o Quim de Fão e o Director de O Novo Fangueiro cortam o cabelo no Zé Barbeiro. E depois sabem as novidades todas.

BOUTIQUE

Mas não foi só a Doral a abrir. também foi inaugurada em Fão uma boutique com pronto-a-vestir no edifício da antiga papelaria Galáctica.

É sua proprietária Maria de Assunção Santos Ferreira, esposa do nosso prezado assinante Carlos Arantes, de Fonteboa que pertence a uma família de grande reizame em Fão.

As considerações que fizemos a propósito da Doral fazemo-las agora a propósito desta boutique. Ou seja: se os fanguieiros forem bairristas, ela aguentar-se-á.

Ambas as lojas foram decoradas pelo conhecido fangueiro Artur Saraiva.

Paisagem da Área Protegida

O pinhal de Ofir, perto da Restinga, continua a ser destruído. Agora são os tractores do sargaço, que destroem as dunas e as árvores por onde passam.

Também os piqueniqueiros abancam naquelas zonas e se for preciso deitar abaixo um pinheiro para estacionar o seu carro ou o de um amigo, não hesitam.

Quem tem sido testemunha impassível desta tragédia é o Sr. António, do Clube Náutico, que no entanto nada pode fazer para impedir este arboricídio que lentamente vai empobrecendo Fão.

O que fazem as autoridades?

CUMPRIMENTOS

Da família de Manuel Pires do Monte recebemos um amável cartão de agradecimento por termos noticiado o óbito daquele conterrâneo, ocorrido há dias.

Ficamos sensibilizado, dado o facto de ser raro tal tipo de cumprimentos. Daí o nosso destaque ao cartão acima referido porque em filosofia jornalística o que é raro é caro e também é notícia.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



Pagaram a Assinatura

1985/86/87/88/89/90 - Eugénio de Oliveira Braga, Braga, 3.250\$00; 1987/88 - José Arantes Gomes, Fão, 1.000\$00; Dr. Jorge Basto, Porto, 1.000\$00; 1988/89/90 - Airlindo Campos Cardoso, Fão, 1.750\$00; D. Belmira Vale Ferreira, Fão, 1.750\$00; 1988 - Eng.º João Lobo Maia, Porto, 500\$00; 1989/90 - Edmundo Cubano, USA, 2.000\$00; José António Capitão Machado, Fão, 1.250\$00; José Manuel Simões Marques Correia, Fão, 1.250\$00; Casa Solinbo, Fão, 1.250\$00; Raúl Gageiro Fernandes, Fão, 1.250\$00; Dr. Mário Vale Lima, Barcelos, 1.250\$00; Dr. José Bernardino Amândio, Esposende, 1.000\$00; Ernestino Didier, Porto, 1.250\$00; Fernando Lopes de Sousa Fernandes, Braga, 1.000\$00; Dr. Jaime Carvalho de Lemos, Braga, 1.000\$00; Dr. José Manuel Duarte Pinheiro Cardoso, Porto, 1.000\$00; Eng.º José Vasco Carvalho, Felgueiras, 1.000\$00; Nelson Moreira Cardoso, Porto, 1.000\$00; Ernesto Pereira Azevedo, Brasil, 4.000\$00; Rogério de Sousa Morgado, Fão, 1.500\$00; Dr. Alberto Gomes do Vale, Fão, 1.250\$00; João Mendanha Rodrigues da Cruz, Lisboa, 1.250\$00; José Maria da Costa Leite, Guimarães, 1.250\$00; Manuel Rocha Ferreira, Fão, 1.250\$00; 1989 - Adalberto Oscar Pinto de Campos Morais, Porto, 1.000\$00; João Carlos Galfém Pires Ramos, Porto, 500\$00; D. Adriana M. G. Galfém Ramos, Porto, 500\$00; D. Odete Rocha Ramos, Lisboa, 500\$00; Dr. João Reis, Porto, 500\$00; Dr. Dinis Rui d'Orey, Porto, 500\$00; 1989/90/91 - Eng.º Adelino Carvalho do Vale, Fão, 2.000\$00; 1990 - Dolor Gonçalves Gouveia, Palhais, 750\$00; Menino Gustavo Vilaça Valle, Porto, 750\$00; Henrique Matos, Fão, 750\$00; Adelino Fonseca Saraiva, Fão, 750\$00; Venceslau Anselmo Rodrigues, Almada, 1.000\$00; Amândio da Fonte Galfém, Fão, 600\$00; Júlio Maciel de Oliveira, França, 1.500\$00; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 750\$00; Eng.º Manuel Malafaia Baptista, Porto, 750\$00; Dr. Artur Luis Vinha Novais, Viana do Castelo, 750\$00; Cândido Casanova, Fão, 750\$00; Luis Eduardo Matos M. Nunes, Porto, 750\$00; António Luis Jácome, Braga, 750\$00; Américo do Vale Carvalho, França, 1.000\$00; Paulo Branco, Brasil, 1.000\$00; D. Olívia Araújo, Porto, 750\$00; Óscar Fangueiro, Porto, 1.000\$00; José Manuel da Silva Carvalho, Porto, 1.000\$00; Paulo Germano da Silva Sobral, Estoril, 750\$00; Cândido Lavandeira do Monte, Fão, 750\$00; Prof. D. Zulmira Pinheiro Bordá Rodrigues, Fão, 750\$00; Dr. Agostinho da Rua Reis, Esposende, 1.000\$00; António Teixeira da Silva, Esposende, 1.000\$00; José Morais Casanova, Braga, 750\$00; José Manuel Gato, 750\$00; D. Maria de Lurdes Mendes Soares, Fão, 1.000\$00; Filipe Álvaro Gonçalves Oliveira, Barcelos, 500\$00; Guimercindo Villar Machado Soares, Porto, 1.000\$00; Dr. Ancieto Vieira Martins, Porto, 500\$00; Eng.º Jaime Bessa Meneses de Sousa, Porto, 500\$00; António Alberto Caravana da Silva, Barcelos, 500\$00; Manuel Araújo Rodrigues Figueiredo, Barcelos, 500\$00; Adolfo Rogeer, Braga, 500\$00; Pedro de Aguiar d'Orey, Porto, 500\$00; João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 750\$00; Manuel Ramos Ferreira, Famalicão, 750\$00; Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga, 750\$00; Mini-mercado Flor do Lírio, Fão, 750\$00; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 750\$00; Manuel Estevão Oliveira, Braga, 2.500\$00; Dinis Eduardo Lemos Victória Corais, Vizela, 500\$00; Manuel Boucinha Fernandes, Apúlia, 1.000\$00; Joaquim de Sousa Galfém, Porto, 1000\$00; Joaquim Marinho Santos Marques, Porto, 750\$00; Castmíro Fernandes Matias, Lisboa, 750\$00; José Maria Fernandes Matias, Lisboa, 750\$00; Alvarino Silva Antunes, Fão, 1.000\$00; Amândio Caramalho, Brasil, 1.000\$00; António Cardoso Salgado, Torres, França, 2.500\$00; D. Julieta Fonseca Torres, Brasil, 1.000\$00; Manuel da Costa Gonçalves de Morais, Brasil, 1.000\$00; José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga, 750\$00; Francisco Gomes de Amorim, Fão, 750\$00; João Emílio Deveza Sá Pereira, Fão, 750\$00; D. Maria Hermínia de Jesus Silva, Fão, 750\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 750\$00; Manuel Conduto Mota Pais, Fão, 1.000\$00; Insp. Manuel do Cabo F. Grilo, Fão, 750\$00; Prof. Doutor José Cardoso Morgado, Porto, 1.000\$00; Sérgio Mariz Ferreira, Fão, 1.000\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1.000\$00; D. Aida Teixeira Dias Araújo, Fão, 1.000\$00; Restaurante Rita Fanguieira, Fão, 1.000\$00; Dr. António Oliveira, Esposende, 750\$00; Hermenegildo Morais Gomes, Gaia, 1.000\$00; Manuel Raimundo Domingues Ferreira, Brasil, 1.000\$00; José Paulo Domingues Ferreira, USA, 1.000\$00; D. Leda Coelho Vilas Boas, Brasil, 1.000\$00; D. Maria Gilda C. C. Rod. de Almeida, Brasil, 1.000\$00; José Feliciano Duarte, Barcelos, 1.000\$00.

FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

1 — Os mortos também morrem. Morrem no esquecimento dos vivos; morrem na ausência de uma luz e lavagem da sepultura; morrem sobretudo quando não legaram aos descendentes a missão, o dever de os perpetuar, ou porque a sua vida foi do homem comum ou porque não deixaram de pedra e cal o seu nome ligado a uma instituição ou porque a instituição apeou o seu retrato, descrevou a placa toponímica e esqueceu a entrega, dádiva ou acção de benemerência.

Ver, em dia de Todos-os-Santos e não só, o cemitério de Fão é sentir na alma o espelho do nosso bem-querer. É, talvez, hoje, o nosso ex-libris, aquilo que de mais rico temos e testemunha a época de brasileiros e hoje de emigrantes à mistura com todo um carinho dos fanguieiros. Escreve-se com flores e ricos mármoreiros ou granitos polidos a atenção, a saudade e o amor aos nossos maiores que ali dormem o sono eterno. É e sempre foi um cemitério invulgar, digno da admiração nossa e de muitos estranhos que frequentemente fotografam as capelas da avenida central e nascente. Um verdadeiro museu de arte em cantaria que assinala o desenvolvimento cultural e económico do princípio do século e que, hoje, volta a acentuar o peso do dinheiro ali investido em ricas sepulturas e no preço das flores. A arcaquia, sobretudo a anterior, ampliou a norte e a sul, o campo santo e, felizmente, o enquadramento está perfeito, não choca nem contrasta com o campo santo primitivo. Quando assim é, deve-se louvar. Foi pena a implantação do edifício das Telecomunicações na área envolvente.

Apesar do carácter tristonho deste dia, algo emotivo e lacrimante, relacionado com a morte, numa passagem matinal pelo cemitério, concluí que para Fão é também um acontecimento social. Regressam à terra, como na desobriga, ao menos uma vez cada ano, muitos fanguieiros que habitam por esse país fora e que deixaram cá as suas raízes.

Recordam os mortos, perguntam pelos vivos; vêem o seu cantinho, vertem uma lágrima de saudade pela e da sua meninice, perguntam pelos colegas de carteira e recordam os seus mortos, contando um episódio que mais os marcou. Embora se trate de uma festa litúrgica cristã, não é por acaso que nós somos o único ser vivo que, com homenagens e rituais, enterramos e veneramos os nossos mestres. Isto revela uma inquietação permanente ligada ao problema do destino e da natureza humana; diria uma inquietação por aquilo que nos espera no Além.

2 — Apetecia-me prolongar estes pedaços de prosa, estes nacos de impertinente e incomedativa verbe, mas a primeira parte está tão

beatificada que vestir a pele de diabo de agora em diante, faz-me arrepiar a alma e o corpo.

3 — Vou deixar para o próximo número umas migalhas respigadas de outros periódicos e «bocas» ouvidas e conhecidas no nosso burgo.

4 — No entanto, vou adiantando que, a criança já nasceu. A Junta de Freguesia já fez nove meses de gestação.

5 — De agora em diante, vai passar às obras o que até aqui planificou. Se é verdade o que se diz, no segredo dos deuses, Fão vai mesmo mudar, mudar muito e para melhor.

6 — Teremos a maior obra de todos os tempos. Lembram-se de Fão, nos anos sessenta?

Lembram-se do movimento de estrangeiros a conviver com os naturais? Lembram-se das noites de verão? Parece que isso vai, de novo, acontecer...

E não só. Outros, muitos, melhoramentos estão no forno.

Ah! Grande autarquia! Se nos enganas... «Pufa». Também «Chupas que s'apaga».

Promessas não bastam. Queremos obras com os dinheiros da Sopete, o mesmo será dizer do Turismo. Só a limpeza da praia, não chega. A propósito, neste momento está muito porca. tem alcatrão e o pinhal tem os «ossos» do verão. É preciso fazer-lhes o enterro. Não esperar pelo próximo verão.

Nem só de «crises» vive o homem. Também vive de picirismo que «veio para ficar como o meu Toyota...»

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Depois de ali se encontrarem bastantes pessoas, escolhemos uma Comissão, para ir falar com o Governador e expôr-lhe o nosso problema. O Governador acedeu a receber a Comissão e, enquanto esta no interior do Palácio discutia a situação com aquele governante cá fora aguardava-se com ansiedade o resultado.

Sabíamos que Angola não tinha militares efectivos suficientes para fazer frente a uma situação como esta, mas os civis estavam prontos a pegar em armas. «Queremos armas», gritavam alguns mais exaltados.

Decorrido algum tempo que mais parecia uma eternidade, apareceu a Comissão que tinha sido recebida pelo Governador. Todos corremos para saber o resultado. O porta-voz da Comissão informou os presentes que o senhor Governador entrara em contacto telefónico com o Comando Militar e ficou então assente que no dia seguinte de manhã às seis horas, todos aqueles que quisessem seguir para cima, junto com uma escolta militar deviam comparecer no Quartel General para receberem armas e munições.

Depois desta informação, todos dispersaram, uns para cada lado. Cada um teria que fazer os preparativos para o dia seguinte.

Logo que cheguei a casa do Fausto, informei a minha família do que se passava. Minha mulher nada disse, mas os seus olhos encheram-se de lágrimas. Entretanto, lá em cima, o Delfim e o Zé chegaram à Roça S. Bento e disseram aos seus ocupantes para abandonarem imediatamente o local e regressarem a Vista Alegre, pois os pretos tinham-se revoltado contra os brancos e já havia muitos mortos. D. Maria, esposa do sr. Edmundo Nunes, uma senhora alentada, dos seus noventa e tantos quilos, entendeu que não seria necessário tanta pressa. Sugeriu que o melhor seria jantarem e dormirem ali, e então de manhã, sim, iriam para Vista Alegre. Todos concordaram. De manhã, o seu filho Neca, o mais velho dos presentes, com dezanove anos e muita experiência

de caça, portanto um bom atrador, e o seu empregado Cbeves foram chamar o responsável da Roça Mafalda e trouxeram-no assim como a companheira e um filho pequenino. Depois de se reunirem na Roça S. Bento, resolveram então seguir para Vista Alegre.

Vinham cinco crianças — duas filhas do Sebastião, a mais velhinha com sete anos, dois filhos do Edmundo e D. Maria e o filho do empregado da Roça Mafalda, de nome Amadeu — duas mulheres, e cinco homens. Todos num só carro, o que no dia anterior o Zé tinha levado de Vista Alegre, pois na altura não havia outro carro na Roça.

Passaram pelo povo Gama, que se mostrou surpreso ao ver passar o carro e todo o povo ficou em alvoroço. Chegaram a Vista Alegre, e qual não foi a surpresa: encontraram a povoação abandonada com portas e janelas quebradas e os estabelecimentos saqueados! Só então se aperceberam da gravidade da situação. Imediatamente entraram no Bar do Calado, puseram umas mesas em cima de outras para poderem chegar ao tecto, arrancaram uma chapa de fibrocimento do tecto e passaram-se todos para cima: primeiro as crianças, depois as mulheres e por fim os homens. É fácil adivinhar a dificuldade em levar a senhora de inventa e tal quilos para cima do tecto da casa!... Instalados lá em cima, retiraram algumas telhas do telhado em diversas direcções e em cada buraco puseram um homem com uma arma. Sorte que todos eles tinham espingardas.

O primeiro grupo de pretos que pretendeu

aproximar-se vinha na direcção de Cambamba. O Neca, como bom atrador que era, apontou a arma e disparou. Logo um dos assaltantes tombou. Os outros, assustados, fugiram. Pouco depois outro grupo mais decidido apareceu, do lado da Gama e mais uma vez o Neca não perdoou. Pretendia assim mantê-los afastados, pois eles sabiam que se deixassem os assaltantes aproximar-se, estes não hesitavam lançar fogo ao edifício, querendo-os vivos. Mas a situação não se poderia prolongar por muito tempo, até porque as munições não eram muitas. Eles não tinham dúvidas que as estradas para Quando e Carmona estariam cortadas, portanto não podiam arriscar esses itinerários. Resolveram tentar regressar à Roça de onde tinham partido para de lá tentarem atravessar o Rio Dange, pois o Neca conhecia aquilo muito bem e sabia que havia lugares onde era possível atravessar o rio a pé. Iriam para Kibaxe.

Como entendessem ser a melhor solução, desceram do tecto, com enorme sacrifício para a senhora, entraram no carro e partiram pelo mesmo caminho que tinham percorrido algumas horas antes. Mas não percorreram mais de cem metros. Em Vista Alegre, a estrada já estava cortada e a frente do carro caiu dentro da vala. Imediatamente os homens saltaram do carro e dispararam as suas armas. Ajudaram depois a retirar as crianças e as mulheres de dentro do carro e encaminharam-se para a floresta, logo seguidos por numerosos malfeteiros que, cegos pelo ódio ou pela droga, pretendiam pôr-lhes termo à vida. Os homens e principalmente o Neca não lhes permitiam a aproximação e cada tiro que dava era menos um perseguidor.

E assim aquele numeroso grupo, incluindo cinco crianças, caminhava penosamente através da mata, denunciando bem a sua passagem, pois atrás de si ficava tudo pisado, ramos partidos, etc.

Portanto, os malfeteiros tinham todas as facilidades de os localizar, e só o respeito que o Neca incutia, os impediu de se aproximarem. Mas passado algum tempo, dão pela falta do Cbeves.

(Continua na pág. 11)



ÓSCAR FANGUEIRO

Deste nosso colaborador recebemos uma estimulante carta que vivamente agradecemos. Dá-nos conselhos preciosos que se relacionam com as opções do jornal e que nós procuraremos pôr em prática.

Óscar Fangueiro não é de Fão mas por razões onomásticas sabe que as suas raízes estão aqui e, como tal, interessa-se por tudo o que diz respeito à terra dos seus antepassados.

O nosso jornal tem sido preferenciado e valorizado pelos seus trabalhos de índole histórica relacionados com a terra de Fão.

Os nossos agradecimentos.

Centro de Emprego de Barcelos

Com a presença do Mnístro do Emprego e Segurança Social, inaugurou-se no dia 29 de Outubro, em Barcelos, um Centro de Emprego que tem a sua sede na Av. Alcaldes de Faria, 333-1.º.

A S. Siivestre em Fão

O Clube Fãozense está a pensar muito seriamente na criação de um Grupo de atletismo. Para esse efeito vai promover no fim do ano uma prova pedestre aberta unicamente a amadores.

Apoiamos vivamente tal iniciativa pois em ampliar a grelha de actividades daquela instituição fangueira.

CASA VENDE-SE

Rés do chão com 6 quartos.
Sala de jantar com lareira.
Em rua central de FÃO.

Falar telefone 574016
PORTO

CAMPEONATO REGIONAL DA I DIVISÃO DE BRAGA

Por JOÃO PEDRAS

ANTAS, 1 — FÃO, 0

O Fão alinhou — Carlos, Agra, Vita, Eurico, Jaime, Flávio, Carlos II, Bife, Sousa, Zezinho e Didi.

Ainda não foi desta que o C. F. de Fão conseguiu pontuar, mas diga-se desde já que não merecia perder este jogo. Quanto a nós jogou melhor que o Antas, principalmente no meio campo onde foi superior isto na segunda parte. Na primeira parte jogaram de igual para igual, mas jogar bem a meio campo não significa ganhar jogos. Para isso acontecer é preciso marcar golos e, a nossa equipa mais uma vez demonstrou não ter gente para isso. Ao contrário, o Antas, tal como na eliminatória da Taça, mostrou ter gente para marcar golos e assim obteve duas vitórias nos dois encontros que efectuou com o C. F. de Fão.

FÃO, 1 — REALENSE, 0

Finalmente conseguiu-se aquilo que tanto se desejava: uma vitória, os primeiros pontos com um pouco de sorte à mistura que também já era merecida. Às oportunidades que o adversário teve e não concretizou, respondeu a nossa equipa com muita força de vontade conseguindo marcar um golo de certa maneira feliz por intermédio de Zezinho que, graças à sua indiscutível técnica aliada à larga experiência que possui, lá vai disfarçando a ineficácia da equipa no aspecto da concretização, ele que é e sempre foi um excelente organizador de jogo.

Depois disto vamos continuar a incentivar a equipa para resultados mais positivos.

FÃO, 1 — RIBEIRÃO, 2

Foi um jogo muito difícil, não só pelo adversário que é um dos candidatos à subida à 3.ª Divisão Nacional, mas principalmente pelo tempo invernosso que fazia, facilitando deste modo as coisas ao Ribeirão com uma equipa mais apropriada para este tipo de jogos. Por isso o Fão não ficou nada prejudicado quando ao intervalo o árbitro deu o jogo como terminado devido ao mau estado do terreno.

O jogo que irá ser repetido em data a determinar pela Associação.

PRADO, 0 — FÃO, 0

Mais um jogo a pontuar e, se não foi por vitória, achamos que não perder foi já é muito bom. Além de mais, a equipa ficou mais confiante e neste jogo já deu mostras disso. Daí que, a haver um vencedor justo esse seria o Fão.

A nossa equipa jogou muito bem. Foi sempre superior ao adversário em todos os aspectos do jogo menos no aproveitar das oportunidades que criou. Lamentamos ter que repetir o único senão que encontramos na equipa que por sinal foi reforçada na defesa e no meio campo e onde mais interessava não! Dificuldades em arranjar avançados? Talvez. Aguardemos esperanças que esse problema se resolva.

CANOAGEM

Em Vila Nova de Milfontes, disputaram-se os Torneios Abertos-90 denominados Las Pagaçadas (fase final).

Os principiantes do Clube Náutico de Fão obtiveram as seguintes classificações: K2 Menores, Viana Hipólito/Raquel Oliveira, 2.ª; K1 Cadetes, Paulo Passos, 21.º; K1 Menores, Viana Hipólito, 3.º e Raquel Oliveira, 4.ª.

MARATONA

Nesta prova, onde mais uma vez o Clube Náutico de Fão obteve excelentes resultados, a vedeta foi Belmiro Penetra que muito recentemente obteve duas medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos realizados na Venezuela.

A classificação dos nossos atletas foi a seguinte: K2 Infantis, Artur Hipólito/Miguel Pedras, 1.ª; C1 Cadetes, José Ferreira, 1.º; K1 Cadetes, Mónica Oliveira, 4.ª; K1 Juniores, Belmiro Penetra, 1.º; K2 Juniores, Luís Barbosa/Luís Faria, 1.º; K1 Seniores, Lázaro Penetra, 2.º; C1 Seniores, Carlos Vieira, 1.º e K1 Juniores, António Rogo, 3.º.

Dos 13 clubes participantes, o Clube Náutico de Fão foi o 1.º.

CANTO FLORIDO

COMO CONHECER A NOSSA PELE?

A pele é o «espelho» do funcionamento do organismo, onde o nosso estado geral, quer físico, quer psíquico, se reflecte. Sendo também uma das partes do nosso corpo que melhor se pode transformar, implica uma grande exigência no nosso julgamento e nos cuidados adequados (que devem ser constantes).

Não é de esquecer que antes de partilharmos para o embelezamento «exterior», precisamos, antes de mais, dum melhoramento «interior», por meio dum bom regime alimentar, dum ritmo de vida equilibrado, dum certa higiene e de cuidados... sem falhas.

Pela constituição e funções fisiológicas da pele, compreendemos o valor deste órgão de revestimento. A sua qualidade depende das secreções sebáceas e sudoríparas que dependem do estado geral do organismo e consequentemente, da pele.

A «grosso modo» possuímos 3 tipos de pele: seca, gordurosa e mista.

Como saber o nosso tipo de pele?

Então...

- 1 — Limpe e seque-a bem;
- 2 — Deixe a pele em repouso durante umas horas;
- 3 — Em seguida, pressiona-se com um lenço de papel.

Resultados:

- Se o lenço ficar com gordura, então a pele será do tipo gordurosa;
- Se o lenço ficar com gordura, na testa e no nariz ou queixo, então a pele será do tipo mista;
- Se não encontrar qualquer tipo de mancha no papel, lave a cara com água e sabão; se sentir a sua pele esticada, tem pele seca; se a sentir macia, com brilho, flexível, então os seus cuidados são os de protecção e conservação para essa pele naturalmente normal.

Nos seguintes números serão abordadas características dos diversos tipos de pele e as plantas adequadas, como sugestões ou mesmo receitas.

VALENTINA BARBOSA
Ilustrações: JAIME GUIMBRA



FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

b) **Uso de práticas culturais adequadas:** Entre estas destaca-se o emprego de semente sã; a não utilização de terras encharcadas que encerram aliás outros perigos; a amontoa correcta para evitar que os esporos dos fungos cheguem ao contacto com o tubérculo; arranque e destruição de plantas atacadas para evitar a contaminação das

restantes; queima da rama por meios químicos no final da cultura para obviar à passagem da doença da rama para os tubérculos e, por outro lado, evitar que a doença permaneça no terreno de um ano para o outro nos restos das plantas.

c) **Tratamentos fitossanitários:** Os tratamentos fitossanitários devem acima de tudo seguir um esquema sistematizado ou obedecer estritamente às instruções dos postos de aviso sempre que estes existam. Os tratamentos fazem-se preventivamente usando o Kor 80 à razão de 250 gramas em 100 litros de água em pulverização. Como tratamentos curativos poderão utilizar o Brestan 60 na dose de 40 gramas em 100 litros de água em pulverização.

Sarna vulgar — Provocada pelo fungo *Streptomyces scabies*, (Thaxt.) Wak. et Henr. traduz-se pelo aparecimento à superfície da casca dos tubérculos de pequenas pústulas ou bexigas que por vezes se ligam entre si e são formadas por um tecido encortiçado.

Os terrenos alcalinos facilitam a propagação desta doença que se combate essencialmente pelo uso de semente sã e de fertilizantes ácidos e o emprego de rotações longas (mesmo de seis anos). Existem também variedades com diferencial grau de resistência à doença.

Verruga negra — Verrugas formadas principalmente nos olhos dos tubérculos e com um aspecto idêntico ao da superfície da couve-flor, esbranquiçadas a princípio e mais tarde negras em virtude da formação dos esporos.

Contrariamente à sarna vulgar são os terrenos ácidos e muitos húmidos os mais fa-

voráveis ao ataque deste fungo que é o *Synchytrium endobioticum* (Schilb) Percival.

Há variedades imunes, as únicas que se podem semear em terrenos inquinados de onde é muito difícil extirpar a doença mesmo que se suspenda a cultura durante anos.

Não se deve utilizar batatas infectadas, ou seja, deve sempre recorrer-se ao uso de semente garantida.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

Alternariose — Quando atacada por esta doença, cujo agente é a *Alternaria solani* Jones et Grout, as batateiras apresentam as folhas com manchas castanhas de contorno bem marcado e no seu interior círculos concêntricos bem característicos. Alguns tratamentos feitos para o míldio combatem esta doença como os que são efectuados usando o Brestan 60 à razão de 40/50 gramas em 100 litros de água em pulverização.

Fusarioses — Provocadas por diversos fungos do género *Fusarium* que existem no solo e que atacam os tubérculos no campo dando origem a uma podridão negra. Os tubérculos mirram e a casca engelha, por vezes com enrugamentos circulares concêntricos. Estes fungos penetram nos tubérculos pelas lentículas e por feridas podendo, em armazém, aumentar a sua acção a tubérculos sãos. Utilizar na plantação tubérculos sãos e evitar o mais possível golpes nas batatas durante o arranque.

Outros fungos atacam a batateira provocando-lhe estragos maiores ou menores consoante as condições ambientais no decurso da cultura e, de um modo geral aconselha-se para todos eles o uso de semente garantida e que, portanto, não leve para o terreno a doença, o uso de rotações suficientemente longas para que uma vez instalada a doença esta possa ser debelada e os cuidados no arranque evitando ferimentos nos tubérculos colhidos e a penetração e expansão da doença durante o período de armazenagem. A vigilância dos armazéns é indispensável para atalhar o eventual alastra-

Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst
Cip. Soc. 1.282.616-00000 Com. Reg. Com. Entre N.º 1485

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)

mento dum ataque de fungos trazidos do campo.

Estão neste caso a *Rizoctonia*, a sarna pulverulenta (*Spongospora*), a Sclerotina, a *Oospora*, certos *Verticilium*, *Phoma*, *Pythium*, etc.

C — Provocadas por vírus

Viroses — Vulgarmente designadas por doenças de degenerescência, as viroses - designação mais correcta - são, a par do míldio, das doenças mais desastrosas para esta cultura. São, com efeito, doenças parasitárias, muito infecciosas que causam grandes prejuízos, e que não se podem detectar no tubérculo, pois que os seus sintomas se manifestam exclusivamente na parte aérea da planta.

O **mosaico**, provocado pelo vírus X caracteriza-se por folíolos mais ou menos rugosos e enfolados apresentando manchas amareladas e escuras que se alternam. Estas manchas são visíveis principalmente à transparência. Quando os tubérculos estão infectados as plantas começam a mostrar sintomas da doença logo após a nascença.

O **frizado** ou grifa é também um tipo de mosaico provocado por mais de um vírus mas que induz um forte encurtamento das nervuras e pecíolos provocando um encrespamento intenso da superfície das folhas. Estas reduzem o seu tamanho e toda a planta tem menos vigor. Há um decréscimo acentuado de produção.

O **enrolamento** é outro aspecto, corrente em Portugal, e que traduz o ataque de um outro tipo de vírus — o vírus 14 — o qual provoca o enrolamento dos bordos dos folíolos das folhas, a começar pelas inferiores. Os bordos enrolam-se para cima paralelamente à nervura principal. A cor das folhas e dos caules modifica-se podendo ser amarelado-verdeada ou avermelhada conforme as variedades. As folhas tornam-se rígidas e quebradiças.

Não existe tratamento curativo para os vírus. Para evitar a degenerescência é preciso semear unicamente tubérculos provenientes de plantas absolutamente sãs. A batata-semente deve ser adquirida em regiões próprias onde a selecção sanitária conduzida metodicamente e vigiada pelos serviços oficiais, garanta não estarem atacadas de vírus.

D — Doenças fisiológicas

Ferrugem — Em algumas variedades podem surgir, no interior da polpa das batatas, pequenas manchas castanho-avermelhadas. É a chamada *ferrugem* que não é propriamente uma doença causada por um agente externo mas sim uma alteração fisiológica que parece estar ligada às altas temperaturas de Verão, em especial quando as regas são muito irregulares. Os tubérculos que crescem mais e mais rapidamente são os afectados.

Para se evitar este mal haverá que (a) estabelecer um sistema de rega correcto, (b) aumentar a densidade de caules no campo, quer apertando os compassos entre covas, quer semeando tubérculos com mais brochos em cada cova, para se evitar a formação de batatas de grandes dimensões que são sempre mais atreitas à ferrugem, (c) escolher variedades menos susceptíveis, e (d) quando possível, fazer desfasar a época de sementeira de modo a que o período de máximo crescimento dos tubérculos não coincida com a época de temperaturas mais elevadas.

Pragas — Entre as pragas polípagas — pragas que se alimentam de diversas plantas — mais importantes que atacam a batateira destacam-se: os nemátodos, os afídios, os alfinetes, os ralos, as nóctuas e as roscas, as lesmas e os caracóis.

Entre as pragas específicas da batateira têm particular importância o escaravelho americano e a traça da batateira.

Nemátodos — Pequenos parasitas que podem existir no terreno em grandes quanti-

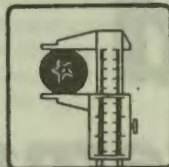
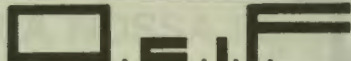
NOVO
A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE
ESTREQUANO
 É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA
ESTRELA ADUBO
 Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda
 Est. N.º 1, N.º 2 - Monte Lordeiro
 Tel. 03396 Adubo P. - 741 4 (22) 01282 - 01283
 Agost. 1988 - 9800 93822

dades vivendo sobre diversas plantas pelo que se propagam com facilidade e são difíceis de combater. Só uma ou outra espécie é visível à vista desarmada. Contudo, a respeito das suas pequenas dimensões, podem causar danos muito importantes reduzindo fortemente a produção das plantas. Como sintomas, estas apresentam-se, com caules afilados, folhas de dimensões mais reduzidas e murchando extemporaneamente. São normalmente longos e cilíndricos, não segmentados, sem pigmento, cobertos com uma cutícula macia. Não possuem órgãos locomotores. Penetram nas raízes e migram através dos tecidos alimentando-se, crescendo e reproduzindo-se, dando origem a cistos com algumas centenas de ovos que na Primavera seguinte eclodem para provocar novas infestações.

Destaca-se, como o mais importante, o chamado nemátodo dourado — *Heterodera rostochiensis* Wolf. Outros que podem ocasionar prejuízos dignos de nota são o *Meloidogyne incognita* Chit. e o *Ditylenchus destructor* Thorne, que além do ataque às raízes provoca igualmente danos nos tubérculos e também na parte aérea das plantas.

O combate directo a estas pragas é praticamente impossível. Deve evitar-se a infestação do terreno, quando a praga não exista, não utilizando semente infectada, ou seja, empregando apenas semente sanitariamente garantida. Nos terrenos já atacados o único método satisfatório de controlo é o emprego de uma rotação em que qualquer cultura susceptível à espécie de nemátodo existente seja cultivada apenas de seis em seis anos. Os solos mais leves, arenosos, são aqueles onde o combate se faz de modo mais eficaz.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

21/90

REGULAMENTO DA REDE DE SANEAMENTO DO CONCELHO DE ESPOSENDE

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO, que sob proposta da Câmara Municipal, a Assembleia Municipal de Esposende, em sua Sessão ordinária de 17 de Setembro último, aprovou o Regulamento da Rede de Saneamento do Concelho de Esposende, cujo teor se encontra para publicação e poderá ser examinado na Repartição Administrativa e Financeira — Secção Administrativa de Taxas, Licenças e Arquivo — desta Câmara Municipal, em dias úteis, dentro das horas de expediente e por todos os interessados.

O presente Regulamento entrará em vigor decorrido o prazo definido no n.º 3, di art. 21.º da Lei n.º 1/87, de 6 de Janeiro, ou seja 15 dias, contados da data da publicação do presente edital e de outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume, bem como publicitados nos jornais mais lidos na região.

Esposende e Paços do Município, 11 de Outubro de 1990.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

★

EDITAL

23/90

NORMAS PARA UTILIZAÇÃO DOS AUTOCARROS DA CÂMARA MUNICIPAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO, que de acordo com a deliberação da Câmara Municipal, tomada em reunião ordinária de 14 de Setembro último, entraram em vigor no passado dia 28 do mesmo mês, as normas para utilização dos autocarros municipais, as quais poderão ser consultadas na Repartição Ad-

ministrativa e Financeira — Secção de Taxas, Licenças e Arquivo — desta Câmara Municipal, em dias úteis, dentro das horas de expediente e por todos os interessados.

Para constar e devidos efeitos, se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Município, 11 de Outubro de 1990.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

ÁFRICA ADEUS

(Continuado da pág. 7)

O Cheves já se não encontrava com o grupo. O que lhe teria acontecido Ele não pode tar caído nas mãos dos malfeitores, sem que os companheiros tivessem dado por isso. Portanto, o mais natural é que ele reconhecendo a pouca possibilidade que o grupo teria em escapar, e calculando que sozinho com uma arma na mão tivesse mais hipóteses, resolvesse abandoná-los.

Isso seria o mais provável.

Entretanto chegou a noite e não poderiam prosseguir devido às crianças. Resolveram assim dormir na mata, sempre com os homens de guarda.

(Continua)

TEU AMOR É COMO A ORTIGA

O teu amor faz lembrar
A ortiga traçoceira...
É verde como a esp'rança
E pica como a piteira...

A piteira não engana,
Traz os picos descobertos
Como passamos por ela,
Temos os olhos abertos.

Contigo ia descuidado
Na manhã em que te vi...
Piquei-me, mas era tarde
Ao teu amor me prendi...

És brava como a ortiga,
E linda como uma flor,
Mas é bravia e altiva,
Que eu te quero, meu amor...

CECÍLIA AMORIM

INSTITUTO DE APOIO À EMIGRAÇÃO E ÀS COMUNIDADES PORTUGUESAS

DELEGAÇÃO EM BRAGA

Em cooperação com o Sindicato dos Trabalhadores e Comércio da Panificação do Distrito de Braga e Entidades Empresariais do sector, em actividade no Distrito de Braga, realizar-se-á um Curso de Formação de Padeiros, destinado quer a Jovens regressados à procura do primeiro emprego quer a Jovens que pretendam criar a sua própria empresa ou reestruturar/rentabilizar o património familiar.

Estas acções de formação são confinanciadas pelo Fundo Social Europeu e inserem-se nos objectivos do programa operacional 14 (emigrantes ou filhos de emigrante jovens) cuja responsabilidade organizativa cabe fundamentalmente ao Instituto de Apoio à emigração e às Comunidades Portuguesas, dependente da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

As inscrições para estes cursos devem ser efectuadas, com urgência, quer junto da Delegação de Braga do referido Instituto, sita na Av.ª da Liberdade 168 1.º D.t.º, com telefone 79842 e telex n.º 32734, quer junto do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio da Panificação, instalada na rua Visconde Pindela telefone 23421 em Braga, ou ainda nos Centros do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Para lá dos efeitos que tais acções venham a proporcionar aos candidatos, na perspectiva da obtenção de emprego estável, qualificado e satisfatoriamente remunerado, inserindo-os na vida activa, certo terá também que tais medidas de orientação e de formação profissional, apostando na capacidade dos jovens Migrantes regressados, contribuirão para uma rentabilização e modernização da Indústria de Panificação, considerando as exigências de Formação e de Especialização que as novas Tecnologias impõem.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



FALECIMENTO

No Brasil faleceu D. Maria Cardoso Salgado Martins, esposa de José Martins Mano. Aos seus familiares as nossas condolências.

O CANCRO DA MAMA NOTÁVEL PALESTRA NOS ROTÁRIOS DE ESPOSENDE

Um dos objectivos dos clubes rotários é programar palestras que se revelem úteis para as respectivas comunidades onde se encontram inseridos.

Na penúltima sexta-feira de Outubro deslocou-se a Esposende para falar do cancro da mama a dr.^a Ana Branca. É filha do dr. Juvenal Silva, trabalha no Instituto de Oncologia do Porto com especial incidência no estudo do cancro da mama. Apesar de abordar um tema que evoca a fatalidade da morte, a sua palestra foi estruturada com o auxílio de slides e enriquecida com uma linguagem acessível que prendeu a atenção de todos os rotários presentes que na maior parte se fizeram acompanhar das respectivas esposas.

Apesar de, em termos rotários, se verificar uma «casa boa», pareceu-nos que actualidade do tema, o à vontade da palestrante e a sua simpatia irradiante e até (por que não dizê-lo?) a sua esbelta figura, implicava um maior auditório. Muitas mais senhoras deviam estar ali presentes para serem alertadas sobre este terrível mal que tanto afligiu a humanidade e que condena à morte uma em cada onze pessoas do sexo feminino. O homem também pode ser vítima do cancro da mama. O cancro não é hereditário embora se verifique uma maior frequência nos familiares de pessoas afectadas por este mal. O rastreio ao cancro da mama foi uma das insistências da dr.^a Ana Branca. O exame através da mamografia é muito mais seguro do que a ecografia.

Os rotários de Esposende tem inscritos no seu clube três médicos, dr. José Alberto, dr. Gualdino e o dr. Juvenal — não deixou de ser curioso o facto de estes três clínicos haverem interpelado a palestrante sobre o tema em questão. Aliás no fim do seu trabalho foram muitos os presentes que apresentaram questões sobre o tema tratado. A todos a dr.^a Ana Branca respondeu com muita segurança.

★

Foi o que se chama uma lição deveras proveitosa.

Pelos laços que prendem a nóvel clínica ao concelho, seria muito útil e fácil que um

HOSPITAL DE ESPOSENDE FINALMENTE A RECUPERAÇÃO

No dia 31 de Outubro o Prof. Cavaco e Silva, acompanhado do titular do Ministério de Saúde, esteve em Esposende para assinar o Contrato-programa para realização das obras de beneficiação e remodelação do Hospital de Esposende.

No uso da palavra, o Primeiro Ministro disse esperar que de futuro os doentes do Concelho não necessitariam de socorrer-se tanto dos hospitais de Fão e de Barcelos como o tem feito.

Entre as pessoas presentes encontrava-se o antigo ministro Oliveira Martins a quem o Prof. Cavaco se referiu dizendo que tinha sido o grande obreiro das obras que dentro em breve se iriam realizar.

O Estado vai colaborar com 80% do custo total das obras, ficando a Câmara de Esposende com o encargo de liquidar os 20% restantes.

dos estabelecimentos de assistência aqui existentes a convidasse a trabalhar entre nós.

O dr. José Gualdino foi o rotário escolhido para presidir ao Rotary Club de Esposende no ano de 1991-92.

O Club Rotário de Esposende instituiu o prémio Escola Fernando Areias que será destinado ao melhor aluno de cada uma das escolas, Henrique Medina e Correia de Oliveira. Trata-se de um prémio monetário no valor de esc.: 55.000\$00, oferecido pela já famosa tia Lu, em homenagem à memória de seu marido Fernando Areias que apesar de ser rotário em Braga, dedicava grande carinho ao Rotary de Esposende.

UM PASSEIO INOLVIDÁVEL

(RETIDO NA TIPOGRAFIA POR FALTA DE ESPAÇO)

Há dias, quando se dirigia em direcção a Caminha, alguns professores e funcionários da Escola Secundária Rodrigues de Freitas «pousaram» no Fojo para tomarem um café que lhes era oferecido pela dr.^a Rosa Torres.

Ficaram encantados com o ambiente, com a panorâmica do rio e com as belezas de Fão. Mais encantados se tornaram quando o Sérgio, empunhando um violão, lhes dedicou algumas das suas canções com música e texto da sua autoria. Ficaram totalmente rendidos às suas baladas e, pelo caminho, logo projectaram para o dia 1 de Julho uma nova visita, desta vez só a Fão e seus arredores.

Assim foi. No primeiro domingo de Julho aquele grupo escolar abancou de novo no Fojo para outro café. Logo de seguida os seus componentes embarcaram em quatro barcos e dirigiram-se para a Barca do Lago onde o Miro, concessionário do Fojo, o Sérgio e o Manuel da garagem os esperavam com um picante arroz de marisco. Claro que estava picante e o pico do arroz convidou a esgotar o vinho que ali se concentrava, surgindo de várias procedências. Os doces da Rita Figueira também estiveram abundantes o que levou as pessoas a julgarem que os fangueiros são uns felizardos: bonitas paisagens, um rio que o mar engrossa quando faz mester e deliciosos pastéis que locupletam qualquer refeição.

No fim do repasto, o Miro puxou da concertina e pôs os mais foliões a dançar. só um senão: o vento, a tão célebre norta-

Prémio Escolar Prof. Pio Rodrigues

Este prémio vai já funcionar este ano. Destina-se exclusivamente a galardoar os melhores alunos da 4.ª classe do ano transacto.

Para esse efeito reuniram no penúltimo sábado alguns antigos alunos: António Devesa Sá Pereira, Manuel Ferreira Vieira, José Manuel Borda Rodrigues, Ernestino Didier, Humberto Didier, Sebastião Didier, Belmiro Viana, Norberto Mota, José Manuel Borda Rodrigues, Jaime Carlos da Fonseca, António Teixeira Dias, Armando Saraiva e Zita Saraiva que tem sido tesoureira «ad hoc».

O total apurado está a aproximar-se dos quatrocentos contos. O prémio este ano pode ir até ao valor de esc.: 40.000\$00.

Ficou decidido que o Prémio Escolar Prof. Pio Rodrigues se converta a breve tempo na Fundação Prof. Pio Rodrigues com o objectivo de ajudar alunos pobres de Fão a progredirem nos estudos. Por isso e para isso a inscrição de ofertas fica aberta a todos os que quiserem colaborar.

da, também quis estar presente. Mesmo assim, o grupo abancou de novo nos barcos e dirigiu-se para o Marachão. Não se demorou, porém, nesta zona paradisíaca. Uma sardinhada esperava de novo os comensais na quinta do senhor Viana que gentilmente permitiu o aboletamento do grupo.

E no fim foi a hora do regresso. «De onde vens, Maria?» «Da feesta!» Mas a festa não terminara ainda. Reunidos no Fojo, houve distribuição de bolinhos, risóis e caldo verde. e ainda: de uma mão cheia de baladas com que o Sérgio mais uma vez encantou os circunstantes, incluindo-se nestes os vários turistas ingleses que por acaso ali foram jantar. Ficaram também deliciados com as canções deste fangueiro.

Não se pode dizer que o Sérgio tenha uma voz bonita: é diferente. Vive a música que compõe. As suas baladas são um grito de alma. Ele chama a atenção das mulheres que vão à lenha, conta-nos que é difícil o seu viver. Pode por isso dizer-se que a música do Sérgio é o grito desesperado de um inconformista.

O Sérgio é um espectáculo. Muito mal aproveitado, diga-se. culpa de quem? De todos. Do próprio Sérgio também.

Daqui incitamos o empresário Miro a publicitar e promover outros passeios como este. Desta vez o estímulo veio da dr.^a Rosa mas daqui para a frente não necessita ser estimulado. O rio Cávado é um filão turístico que ainda está por explorar.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO